

Condições dos trabalhadores latino-americanos no Japão

Eunice Akemi Ishikawa

The International University of Kagoshima

A migração de latino-americanos para o Japão, principalmente de brasileiros e na sua grande maioria descendentes de japoneses, começou no final dos anos 80 com a vinda primeiramente de imigrantes japoneses radicados na América do Sul, ou seja aqueles que possuíam a nacionalidade japonesa, e mais tarde propagou-se entre os nikkeis com nacionalidade brasileira e outros. Foi em 1990 que o número de nikkeis aumentou em grande escala, devido a modificação parcial da lei referente à entrada de estrangeiros e refugiados no Japão. Esta modificação facilitou a entrada de nikkeis de segunda e terceira gerações no Japão, os quais os primeiros obtiveram o visto de “cônjuge ou filhos de japoneses” e, os segundos o visto de “residentes” 1). e hoje conta com uma população acima de 220.000 (Ministério da Justiça do Japão), sendo o terceiro maior contingente de estrangeiros em território japonês (Estrangeiros residentes no Japão: Coreanos: 650mil , Chineses: 250mil, Brasileiros: 220mil).

Quadro 1. Latinos-americanos registrados no Japão

	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
BRASIL	119,333	147,803	154,650	159,619	176,440	201,795	233,254	222,217	224,299
PERÚ	26,281	31,051	33,169	35,382	36,269	37,099	40,394	41,317	42,773
ARGENTINA	3,366	3,289	2,934	2,796	2,910	3,079	3,300	2,962	2,924
PARAGUAI	1,052	1,174	1,080	1,129	1,176	1,301	1,466	1,441	1,464
BOLIVIA	1,766	2,387	2,932	2,917	2,765	2,913	3,337	3,461	3,578
TOTAL	151,798	185,704	194,765	201,843	219,560	246,187	281,751	271,398	275,038

Fonte: Ministério da Justiça do Japão, 1999

Neste artigo será apresentado as condições de trabalho e de vida dos brasileiros no Japão, os quais saem do Brasil com sonhos de ganhar muito dinheiro a curto prazo em um país de primeiro mundo como o Japão, e retornar ao Brasil para recomeçar uma vida nova e melhor. Porém, a realidade encontrada no Japão pouco tem a ver com as promessas de uma vida melhor com dinheiro fácil e rápido, propaganda feita pelas empresas turísticas que têm como função enviar a “mão-de-obra” para o Japão, recebendo uma gratificação por cada pessoa enviada pelas empresas que prestam serviços de intermediários entre os brasileiros e empresas japonesas, conhecidas como empreiteiras.

O objetivo da maioria dos brasileiros é permanecer por um curto período no Japão, de 3 a 5 anos, porém como indica a estatística do Ministério de Justiça do Japão, o número de brasileiros tem crescido gradativamente nos últimos 10 anos. Os brasileiros que residem no Japão, que no início enfrentavam principalmente problemas de adaptação ao trabalho, hoje eles enfrentam problemas de adaptação na sociedade japonesa, não só como um trabalhador estrangeiro, mas como um residente estrangeiro no Japão. Por exemplo, hoje há muitos brasileiros que vêm ao Japão com suas famílias, muitos deles com filhos em idade escolar,

fazendo com que os problemas de adaptação social enfrentados por brasileiros no Japão ficassem mais diversificados e complexos.

O método de pesquisa utilizado neste estudo, consiste essencialmente em pesquisa de campo, com utilização de questionários escritos e entrevistas orais com nikkeis brasileiros residentes no Japão (província de Aichi e Shizuoka) e nikkeis brasileiros que retornaram ao Brasil (estado de Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul) com experiência de trabalho no Japão.²⁾

Condições de trabalho e moradia no Japão

A população de nikkeis brasileiros, cujo 60% destes estão na faixa etária entre 20 a 30 anos, concentra-se principalmente nas províncias de Aichi (41mil), Shizuoka (31 mil), Nagano (16mil) e Gunma (13 mil). O tipo de trabalho que os nikkeis exercem, na sua grande maioria, é como operário não-qualificado em fábricas de peças para carros, aparelhos eletrônicos, entre outros e em obras de construção. A razão da grande concentração de nikkeis nas quatro províncias acima é justamente devido a concentração de indústrias automobilísticas e de acessórios eletrônicos nestas áreas, e aos poucos verifica-se também a diversificação do tipo de trabalho, como serviços de jardinagem, em hotéis, em granjas, entre outros. Porém a grande maioria ainda exerce atividades como operário não-qualificado, trabalhando principalmente em fábricas de auto-peças e construção, serviços muitas vezes recusados pelos japoneses, por serem considerados 3K (KITSUI=pesado, KITANAI=sujo, KIKEN=perigoso).

A maioria dos brasileiros trabalha sob um contrato instável, onde o salário é calculado sobre as horas trabalhadas, não lhes proporcionando seguro de saúde, aposentadoria e outros benefícios da previdência social, que no caso de um trabalhador efetivo de uma empresa japonesa receberia. Os brasileiros, apesar de trabalharem para uma determinada fábrica, a maioria possui um vínculo empregatício indireto, ou seja, os brasileiros são contratados por empresas intermediárias (empreiteiras) que enviam os trabalhadores para estas fábricas por tempo determinado, e os brasileiros são obrigados a pagarem uma porcentagem de seu salário como taxa de serviços prestados pela empreiteira. Com este tipo de contrato, o brasileiro pode ser demitido a qualquer hora sem nenhum tipo de restrição ou indenização por parte do empregador. Esta é uma das vantagens para a empresa japonesa utilizar os serviços de uma empreiteira, pois neste caso o brasileiro é uma mão-de-obra temporária descartável e barata, e a empresa paga apenas os honorários referentes às horas trabalhadas, não pagando a previdência social, o que seria compulsória pela lei trabalhista japonesa.

Os brasileiros que são contratados por empreiteiras, normalmente residem em moradias oferecidas por estas empresas. Uma das razões é a dificuldade encontrada pelos brasileiros e outros estrangeiros residentes no Japão em alugar um imóvel. Muitas imobiliárias japonesas recusam ter como clientes os estrangeiros, sob a alegação de que muitos estrangeiros não obedecem as regras impostas pelos donos do imóvel, ou que muitos não pagam os aluguéis, ou que fazem muito barulho incomodando os vizinhos, etc. E outro fator que dificulta aos estrangeiros a firmar um contrato com uma imobiliária é a necessidade de um fiador, que geralmente deve ser um japonês.

Porém muitos brasileiros preferem morar em apartamentos oferecidos pelas empreiteiras, pois apesar de muitas vezes não oferecerem conforto e privacidade, eles pagam apenas o aluguel mensal. Isto porque pelas regras japonesas, ao firmar um contrato particular de um imóvel, o futuro inquilino deve pagar além do aluguel do primeiro mês, um valor aproximado de 5 a 6 vezes o valor do aluguel, que geralmente inclui depósito (SHIKIKIN, 2 meses), agradecimento ao proprietário (REIKIN, 2 meses) e taxa para a imobiliária (TESURYO, 1 mês). Assim ao alugar um apartamento cujo aluguel custa 500 dólares (EUA) ao mês, o inquilino deve pagar 3000 dólares (EUA) para firmar o contrato, e das taxas pagas, somente o depósito será devolvido ao inquilino quando este desocupar o imóvel, porém só será devolvido o valor após dedução do valor gasto para limpeza e reforma de imóvel caso haja danos causados pelo inquilino. Por isso, normalmente o valor pago como depósito não retorna ao inquilino.

Devido às condições de trabalho e moradia citada acima, a maioria dos brasileiros trabalha e vive em um ambiente com grande concentração de nikkeis provenientes do Brasil e de outros países, principalmente da América Latina, dificultando-lhes o contato com outros japoneses e também com a sociedade japonesa em geral. Muitas cidades já são conhecidas pelo grande número de brasileiros que nela reside, às vezes conhecidas positivamente com destaques para as escolas de samba nos festivais locais, e outras negativamente como o aumento de conflitos entre brasileiros e japoneses, incluindo problemas criminais. O fator a frisar aqui, é que os nikkeis apesar de estarem no Japão, ficam praticamente isolados da sociedade japonesa, possibilitando-lhes pouco contato com os japoneses no seu dia-a-dia. Em determinados casos, apesar de permanecer por mais de 3 anos no Japão, o nikkei mal aprende a falar o idioma japonês, isto porque no seu ambiente de trabalho e moradia não é necessário dominar o japonês com fluência.

Os nikkeis que retornam ao Brasil

Na pesquisa de campo realizado no Brasil, pudemos constatar alguns efeitos que a experiência dos nikkeis no Japão, como trabalhadores não-qualificados, tem afetado no comportamento dos mesmos dentro da sociedade brasileira.

Por exemplo, o nikkei ao retornar do Japão, encontra uma barreira muito grande para se restabelecer profissionalmente na sociedade brasileira. O principal fator a considerar é que quando o nikkei volta ao Brasil, ele não possui as qualificações necessárias para competir no mercado de trabalho. Mesmo que o nikkei retorne com um acúmulo de capital para o Brasil, esta quantia na maioria dos casos não é suficiente para concretizar os planos feitos antes de vir ao Japão.

Em nossa pesquisa (escrita), 43% da amostra indica que o capital acumulado no Japão foi entre 20 a 40 mil dólares (EUA), e 33% menos que 20 mil dólares(EUA). Considerando que um imóvel no Brasil custa em média entre 30 a 50 mil dólares (EUA), o capital acumulado no Japão seja suficiente para a aquisição de um imóvel. Porém o problema é o que fazer para manter a vida no Brasil posteriormente.

Com a vinda ao Japão, muitos nikkeis deixam seus estudos e empregos, com a finalidade de acumular um capital à curto prazo. Como já foi mencionado anteriormente, 60% dos nikkeis que vêm ao Japão tem a idade média entre 20 a 30 anos. Considerando esta faixa etária, pode-se dizer que muitos deixam de terminar cursos superiores ou perdem a oportunidade de profissionalizar-se em determinados campos, dificultando-lhes o regresso ao mercado de trabalho, resultando no retorno do nikkei ao Japão para trabalhar novamente como operário não-qualificado, formando um ciclo de migração na vida do nikkei, que passa a viver um período no Japão e outro no Brasil.

As crianças brasileiras no Japão

O número de brasileiros em idade escolar (menor de 16 anos) está estimado em 20.000. Segundo dados da Embaixada Brasileira em Tóquio, em 1998 nasceram 3820 brasileiros no Japão, o que significa que nasceram em média 10 crianças brasileiras por dia no Japão.

A maioria destas crianças quando atinge a idade escolar ingressa em escolas japonesas, muitas vezes desde o maternal e jardim da infância. Muitas delas, ao contrário dos pais, dominam o idioma japonês com muito mais fluência do que o próprio português, mas isso não significa que elas têm um acompanhamento normal nas escolas japonesas.

Desde meados dos anos 90, foram criadas escolas brasileiras em cidades onde há grande concentração de brasileiros, como na cidade de Hamamatsu na província de Shizuoka, Toyota em Aichi e Ota em Gunma, e todas as aulas são ministradas em português e seguem o currículo educacional brasileiro. Porém, por estas escolas estarem limitadas a estas áreas, e também por serem escolas particulares (mensalidade média: 400 dólares dos EUA), muitos pais não têm condições de manter seus filhos nestas escolas³). Nesta pesquisa verificou-se uma estimativa de 10% de crianças brasileiras que freqüentam escolas brasileiras no Japão.

As escolas públicas do Japão são gratuitas, incluindo os livros didáticos, assim as famílias que matriculam seu filhos nestas escolas têm gastos apenas com refeições (merendas) e alguns outros eventuais, mas não se comparam com a mensalidade das escolas brasileiras.

O principal problema das crianças brasileiras no Japão é a condição em que os pais vivem, ou seja como trabalhadores estrangeiros temporários e instáveis, e com o objetivo de retornar ao Brasil. Como resultado muitas crianças não recebem a atenção necessária para os seus estudos, pois em muitos casos o pai e a mãe trabalham em fábricas, e quase não têm tempo para se preocuparem com os estudos dos filhos. Geralmente este fato não é causado pelo simples desinteresse dos pais, mas pelas próprias condições em que eles se encontram no Japão. E como o objetivo da maioria deles é de retornar ao Brasil em breve (3 a 5 anos), muitos deixam a educação dos filhos em segundo plano, pois para muitos deles com o dinheiro ganho no Japão eles poderão oferecer uma melhor educação aos filhos no Brasil. Mas, a realidade é que muitos não retornam ao Brasil no tempo previsto, e das crianças que freqüentaram as escolas japonesas, são raras as que ingressaram em um curso superior, ou melhor as que ingressaram até mesmo no curso de ensino médio no Japão. A grande maioria destas crianças ingressa no mercado de trabalho japonês, como operário não-qualificado, como os pais. O principal fator é que, apesar de terem completado o ensino

fundamental no Japão e falarem com fluência o japonês, são poucos os que dominam o idioma japonês na leitura e na escrita 4).

Quanto às crianças que estudam em escolas brasileiras no Japão, como seguem o currículo brasileiro, seguem também os critérios da lei brasileira de educação, ou seja a criança que não obtiver notas suficientes para passar para a série posterior, é reprovada. Pelas pesquisas realizadas nas escolas brasileiras até o presente momento, não é possível dizer quais são os principais problemas encontrados por estas crianças após o término do curso, mas é possível arriscar algumas previsões. Por exemplo, caso esta criança retorne ao Brasil, ela poderá ingressar em qualquer curso posterior ao que foi feito no Japão, pois estas escolas são reconhecidas pela Embaixada Brasileira em Tóquio. Porém, como já foi mencionado acima, a maioria dos nikkeis brasileiros não tem um plano definido de quando retornar ao Brasil, ou mesmo que tenham são poucos os que conseguem concretizá-lo. E caso estas crianças continuem a morar no Japão, as opções de trabalho para elas estão praticamente restritas à mão-de-obra não-qualificada, principalmente por não dominarem o idioma japonês na leitura e escrita.

Estas são as condições atuais dos brasileiros que vêm ao Japão com objetivos e sonhos de uma vida melhor. Mas, a realidade encontrada no Japão é a de problemas de adaptação ao trabalho, idioma e outros costumes da sociedade japonesa. E agora, um problema maior é a educação e o futuro dos filhos vindos pequenos ou nascidos no Japão, pois a sociedade japonesa é extremamente rigorosa em relação à educação, ou seja pode-se dizer que existe uma rigorosa divisão de classes sociais por nível educacional e profissional, onde temos de admitir que a posição ocupada pelos brasileiros no momento, é umas das mais baixas.

Notas bibliográficas:

- 1) O visto de “cônjuge ou filho de japonês” e o de “residentes”, ambos têm a validade máxima de 3 anos, porém geralmente o primeiro é concedido aos nikkeis de segunda geração com a validade de 3 anos, e o segundo para os nikkeis de terceira ou quarta geração com validade de 6 meses ou 1 ano.
- 2) As amostras desta pesquisa consistem em: questionários - 205 amostras de brasileiros residentes no Japão (1990), e 60 amostras de brasileiros que retornaram para o Brasil com experiência de trabalho no Japão(1995); entrevistas orais - 70 amostras de brasileiros residentes no Japão(1993 - 1999) e 61 brasileiros que retornaram ao Brasil com experiência de trabalho no Japão (1995 - 1996). As pesquisas entre o período de abril/94 à março/95 foram financiadas pela Fundação Abe (pesquisa em conjunto com Keiko Yamanaka PhD, da Universidade de Califórnia), e as pesquisas realizadas de abril/95 à março/99 foram financiadas pela “Japan Society for the Promotion of Science”- JSPS.
- 3) O salário médio de um brasileiro, no caso de homens é de 2.300 dólares/mês, e no caso de mulheres 1.500 dólares/mês. Mas considerando os contratos de trabalho instáveis e o alto custo de vida do Japão, não é fácil manter os filhos em uma escola particular.
- 4) No Japão não existe repetência por notas no ensino fundamental (7-15 anos), por isso muitas crianças brasileiras, em casos extremos, mesmo não sabendo escrever o japonês consegue concluir o curso fundamental.

Bibliografia

BOURDIEU, PIERRE / PASSERON (Trad: Takashi Miyajima) *Saiseisan* , Fujihara Shoten, 1991 (BOURDIEU & PASSERON *La Reproduction*, Ed. de Minuit, 1970).
Centro de Estudos Nipo-Brasileiros de São Paulo *Burajiruni Okeru Nikkei Jinko Chousa Houkokusho* (Levantamento da população dos nikkeis no Brasil) , 1988.

FUJITA, STEPHEN / O'BRIEN DAVID *Japanese American Ethnicity - The perspective of Community*, University of Washington Press, 1991.

Houmusho Nyukoku Kanri Kyoku (Ministério da Justiça - Imigração) *Gaikokujin Touroku Kokusekibetu Jin In Chousa Hyou* (Registro de estrangeiros por nacionalidade), 1999.

KAJITA, TAKAMICHI *Gaikokujin Roudousha To Nihon* (O Japão e o trabalhador estrangeiro), NHK Books, 1994.

KOGA, EUNICE A. I.SHIKAWA "Rainichi Nikkei Burajirujin Shitei No Kyoiku To Identhithi" (A educação e a identidade das crianças brasileiras no Japão), *Nempou Hakaigaku Shurom N.11*, Sociedade de Sociologia de KANTO, 1998.

NINOMIYA, MASATO *Dekassegui*, Editora Estação Liberdade, 1992.